

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria.
Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

A PEREGRINAÇÃO NACIONAL DE OUTUBRO | Crónica Financeira



Mês das almas

O mês de Novembro é consagrado pela Santa Igreja à piedosa comemoração das Almas do Purgatório.

Abusa-se muito da Misericórdia e cometem-se durante a vida inúmeras faltas que depois se têm de pagar.

No céu não pode entrar nada de manchado. Se por absurdo Deus permitisse às almas que entrassem no céu sem irem devidamente purificadas seriam elas as próprias a pedir a Deus que primeiro as deixasse limpar.

Há no Purgatório imensas almas que não têm quem reze por elas. Todos nós temos lá almas das nossas obrigações. Aproveitemos este mês. Esmolas, penitências, orações, indulgências e missas tudo nos serve para sufragar essas pobres almas que podem muito em nosso favor e nada podem em favor de si mesmas.

Bemfeitores do Santuário

É obra de caridade pedir pelo eterno descanso dos queridos bemfeitores do Santuário que o Senhor já chamou a Si: Todos os dias ali se pede por eles. Nos dias 27 e 28 do corrente haverá ali um solene ofício de Defuntos cantado em sufrágio das suas almas. Mas não basta. Peçamos todos a Deus que os receba em Sua santa glória.

A Pia União dos Cruzados da Fátima

é uma forma óptima de sufragar as Almas do Purgatório. Oferecendo por uma só vez a esmola de 200\$00 fica-se membro perpétuo da Pia União. Podem-se inscrever vivos e mortos.

Pensemos em nós

e lembremo-nos que se formos caridosos para com essas santas almas, outros mais tarde usarão de caridade com as nossas e já neste mundo as Bemditas Almas obterão do céu para nós graças abundantes como tanta vez, no passado têm feito com outros seus devotos. E não esqueçamos que entre todos os meios de as sufragar o melhor é ouvir ou mandar celebrar o Santo Sacrifício da Missa.

Seminário de N. S. de Fátima EM BEJA

No passado dia 13 com luzidíssimas festas procedeu-se em Beja à inauguração solene do seu Seminário de Nossa Senhora da Fátima a que presidiu Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca e em que tomaram parte as Câmaras Municipais de toda a Diocese, representantes do Poder Central e o que de melhor conta a Diocese.

Foi um dia de glória para o Senhor Bispo, de honra para Beja e de esperança para toda a Diocese.

A «Voz da Fátima» pede a Nossa Senhora, sua celeste Padroeira, que sempre o proteja e aos seus seminaristas os futuros obreiros dessa grande Diocese Alentejana.

Como sucedeu no dia treze de Maio último, a peregrinação nacional de Outubro foi assinalada por um tempo bastante chuvoso que encharcou estradas e caminhos e converteu a Cova da Iria e os terrenos das imediações em autênticos lameiros.

Dir-se-ia que a Providência quis assim confirmar nas pessoas que acorrem ao santuário de N.ª Senhora da Fátima a convicção de que essa romagem deve ter como característica, mais que nenhuma outra, o espírito de penitência e reparação pelos pecados próprios e alheios e ao mesmo tempo afastar daquele lugar de fé e de oração todos quantos não estejam animados desse espírito.

Não obstante, porém, a intempérie e o mau estado das vias de comunicação, a peregrinação do dia treze de Outubro foi muito semelhante à de Maio quanto ao número de pessoas que nela tomaram parte.

* * *

Na véspera à noite, depois da recitação do terço em comum, organizou-se a procissão das velas, mas o vento e a chuva, que à meia-noite redobram de intensidade, impediram que ela tivesse o costumado brilho.

Em seguida deu-se início à cerimónia oficial da adoração de Jesus-Hóstia solenemente exposto que se realizou no altar do Pavilhão dos doentes. Durou apenas duas horas, porque o mau tempo obrigou a recolher o Santíssimo. Rezou-se o terço, tendo feito a meditação dos mistérios gloriosos o rev. dr. Galamba de Oliveira que aplicou algumas das suas considerações à Acção Católica. Antes do encerramento, foi dada a bênção eucarística. Entretanto o povo continuou em adoração toda a noite na igreja e nas capelas do Santuário.

As seis horas, o rev.º cônego dr. João Henriques de Sequeira Mora, pároco da freguesia de S. Tiago, de Lisboa, celebrou a Missa da comunhão geral. Comungaram cerca de oito mil pessoas.

Próximo do meio-dia oficial, o rev. dr. Marques dos Santos, junto do microfone colocado no átrio da Basílica, começou a recitação em comum do terço. Quando terminou, chovia ainda bastante. Apesar disso, o venerando Bispo de Leiria ordenou que se fizesse a costumada procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima, a qual começou logo a organizar-se e percorreu o itinerário mais longo.

Cessou então a chuva e o sol apareceu num céu limpo de núvens, como no dia da última aparição da Santíssima Virgem aos pastorinhos, a treze de Outubro de 1917.

Celebrou a Missa dos doentes, no altar exterior da Basílica, o rev. P.º Francisco da Silva Geada, pároco de Santo Estêvão e São Tiago de Alfama, de Lisboa. Ao mesmo tempo o rev. dr. Galamba de Oliveira celebrou outra Missa na capela do Hospital, onde, pela primeira vez, num altar improvisado em frente das galerias, se efectuou a exposição solene do Santíssimo Sacramento.

Ao Evangelho, fez a homilia



FÁTIMA, 13 de Outubro — A procissão a chover em que tomaram parte Suas Ex.ªs Reverendíssimas os Senhores Bispos de Leiria e titular de Gurza que ao meio-dia fez um apelo a favor das Missões.

o Senhor D. Manuel Maria Ferreira da Silva, Bispo titular de Gurza, Superior Geral da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, que se referiu de passagem a umas palavras que ele próprio tinha lido numa carta da vidente Lúcia de Jesus: «que Nosso Senhor estava muito irritado com os pecados do mundo».

No fim da Missa, os dois venerandos Prelados, o de Leiria e o de Gurza, únicos que estavam presentes, deram em conjunto a bênção episcopal à multidão dos fiéis e benzeram os objectos de piedade que eles lhes apresentavam.

O Senhor Bispo de Leiria quis que os peregrinos da Fátima se associassem às alegrias do Senhor Bispo de Beja e às festas dessa diocese por motivo da inauguração do seu grandioso Seminário dedicado a Nossa Se-

nhora da Fátima. Para esse fim o rev. dr. Marques dos Santos pediu ao microfone uma Ave-Maria que todos rezaram, pelo Senhor Bispo de Beja, pelas prosperidades do seu Seminário e em especial pela santificação dos seus seminaristas.

Em seguida, realizou-se como de costume, a procissão com a Imagem de Nossa Senhora, mas com a variante de se dirigir à capela do Hospital onde o rev. dr. Galamba de Oliveira deu a bênção aos doentes que, em número de 258, estavam alinhados em duas alas nos corredores do Hospital e na respectiva capela, enquanto o rev. dr. Marques dos Santos fazia as preces usuais.

Há dias publicaram os jornais um telegrama de Genebra (salvo erro de memória) em que se dizia que a produção agrícola europeia do ano corrente fôra inferior de 40% à do ano passado. Já contávamos para este ano com uma produção agrícola diminuída, pelas razões que neste lugar expusemos diversas vezes, mas confessamos que a baixa de 40% excedeu a nossa expectativa... As previsões aqui feitas para o ano próximo quanto a preços, ficam reforçadas com mais este dado estatístico. A acrescentar ao deficit habitual e avultado da Europa em substâncias alimentícias, há a acrescentar agora o desfalque devido à ruindade do ano e aos estragos e embaraços da guerra. A profezia americana de que morreriam neste inverno de fome muitos milhões de europeus, está em vias de realização.

Os nossos géneros alimentícios, apesar de este ano serem também diminutos, não deixarão de sofrer forte aspiração do lado da fronteira espanhola e até do lado do mar. A subida dos preços será inevitável, por mais que o Governo tente pôr-lhe cõbro. Aliás esta alta de preços será a única forma de salvar da ruína grande parte da lavoura portuguesa. So uma alta sensível de preços dará à lavoura possibilidade de pagar as suas dívidas e nisso vão de envolta altos interesses da Caixa Geral dos Depósitos, do Crédito Predial, do Monte Pio Geral, etc..

Tudo isto aconselha a que, sem pôr de parte a repressão severa dos exploradores, se deixe correr os preços segundo as leis da economia. Quere isto dizer que os preços durante o próximo inverno tenderão para a alta e que o Governo nem pode, nem deve opôr-se a tal subida, enquanto ela se mantiver dentro dos limites exigidos pelas leis económicas.

Mas... um outro problema surge: o do funcionalismo público e particular. Com a alta dos preços dos géneros, subirão também os salários dos trabalhadores manuais, como sucedeu na outra guerra, mas os do funcionalismo público e os dos empregados de escritório, só tarde e mal acompanham a subida dos géneros.

Durante o 3.º e 4.º anos da outra guerra, a situação tornou-se extremamente difícil e a partir do Armistício passou a trágica. Carreiras houve em que nem os funcionários solteiros ganhavam para comer. Por exemplo, na Magistratura, os delegados ai por 1920 não ganhavam para pagar a pensão nem nas vilas sertanejas.

As subvenções com que os governos de então procuravam remediar esta lamentável situação, tornaram-se ridículas pela falta de critério e pela injustiça com que foram arbitradas, pois eram as mesmas para todos os funcionários, quer fossem solteiros, quer carregados de família; quer tivessem despesas de representação, quer pudessem andar de calças remendadas...

Este problema da carestia da vida para os funcionários do Estado e empregados de escritório é de suma importância para o prestigio do Governo e para a paz e tranquillidade públicas. É dos que deve ser resolvido a frio, e portanto com tempo, antes que as circunstâncias o ponham com aflitiva urgência. A imensa maioria destes trabalhadores vive em equilibrio económico iminentemente instável. O mais pequeno aperto os atira ao chão. Dos males que daí vieram na outra guerra, ainda hoje sofre a vida do Estado. É preciso evitar a todo o custo que se repitam tão graves e funestos erros.

Pacheco de Amorim

Visconde de Montelo

A DÍVIDA

— Então, adeus, António...
— Adeus?!... Pois não vens?...
— Não! Está resolvido: por cá fico. Cumássim já não tenho lá ninguém à minha espera. Em toda a parte se vive e em toda a parte se morre. Adeus! felicidades!

Os dois sargentos — o que regressava à Pátria e o que ficava em França — abraçaram-se com os olhos rasos de lágrimas. Nos de António, porém, brilhava um clarão de esperança, de ansiedade de abraçar a mulher e os filhinhos, o mais novo dos quais deixara recém-nascido, de rever a aldeia natal, parentes e amigos; nos do companheiro, o Manuel da Azinhaga, só se lia desalento e saúde. Pai, não o conhecia; a mãe finara-se de dor ao abalar-lhe o único filho para a guerra; a Anica do Eirado, que fora sua conversada, achara pouco depois noivo mais ao seu gosto e constava que já tinha mudado de estado. E assim, assado o armistício de 11 de novembro de 1918, e enquanto retiravam as tropas aliadas, o Manuel da Azinhaga decidiu ficar por terras estrangeiras. Canteiro hábil, revelando mesmo nas obras para que era chamado fora da aldeia aptidões invulgares, não lhe faltaria que fazer nas regiões devastadas pela guerra. Estava a bem dizer a dois passos da martirizada cidade de Reims e para lá se dirigiu. Não contava com os estragos operados no seu organismo pelos horrores das trincheiras — tanta intempérie, tanta privação de alimento e descanso, além dum ataque de gases asfixiantes — mas que uma vida normal depressa o restabeleceria. Ao cabo duma semana, gasta inutilmente em procura de trabalho que todos hesitavam em confiar-lhe vendo-o de aspecto tão débil e fatigado, o pobre Manuel da Azinhaga ia caminhando por uma estrada deserta quando lhe passou uma coisa pela vista e tomou como morto sobre o solo escalavrado e poeirento. Pouco depois surgia um charrette cujo condutor, um sujeito bem pôsto e bem parecido, vinha olhando melancólico os campos, à direita e à esquerda, inteiramente ao abandono. Ao passar pelo corpo do ex-combatente, fez estacar o cavallo e, como o bom Samaritano, verifica que ele respira, toma-o nos braços ainda vigorosos, mete-o no carro e leva-o para a sua propriedade de que a guerra lhe deixara apenas o terreno e as paredes mestras da habitação.

— Bonjour! Ça va mieux?

Destá vez a saudação do excelente sr. Léonard era correspondida não só com um caloroso «Oh, oui, merci!» mas com o largo gesto e o largo sorriso com que o Manuel da Azinhaga tentava suprir a pouca prática da língua dos seus bemfeitores, o casal Léonard, o filho de 17 anos e até uma sobrinha de 9, órfã de guerra, que eles haviam também caridosamente recolhido. Todos, à porfia, durante quinze dias, lhe haviam dispensado carinhos e cuidados e agora, depois de uma noite toda feita de um sono, reviam-se no aspecto magnífico do português.

A manhã estava de chuva e era impossível qualquer trabalho fora de casa, mas, no interior desta, quanto havia que fazer! Pai e filho, este que a guerra forcara a abandonar os estudos, haviam-se metido a carpinteiros e ora fabricavam um tóscico móvel, ora uma porta, ora ajustavam um tabique. M. Léonard, trabalhando e conversando com o seu hóspede inquiriu naturalmente dos motivos que o tinham levado a ficar em França e como o Manuel, exprimindo-se conforme podia, não omitiu o desgosto que tinha tido com o que lhe tinha chegado aos ouvidos acerca da Anica do Eirado, mostrou-se

mente prático e convenceu-o — também conforme pôde — de que talvez fossem boatos e de que não havia nada como tirar o caso a limpo. Que escrevesse para a terra, ao seu pároco, a informar-se de fonte segura se havia ou não de tirar dali o sentido, e não a quem pudesse ou tivesse interesse em enganá-lo.

E mal o Manuel da Azinhaga se apanhou com forças para lançar mão da pena, fez o que lhe aconselhava o sr. Léonard e não teve de que se arrepender — antes pelo contrário. Na volta do correio chegavam-lhe consoladoras novas: A Anica do Eirado era sempre a mesma — a pérola das raparigas da aldeia — somente, desde que ele deixara de lhe escrever, ela que era tão alegre, ninguém a via rir. E ninguém a ouvia já cantar a não ser na igreja.

Como por milagre as antigas forças voltaram ao bravo sargento que as ia retemperando com uma correspondência bastante assídua com a Anica do Eirado. E o tempo ia passando, a quinta do sr. Léonard ia prosperando e, por meados de 1923, o Manuel da Azinhaga, que encontrara boa remuneração para a sua arte nas localidades vizinhas, com uma grande mala e uma carteira bem recheada, voltava à sua aldeia, casava e ali ficava vivendo muito feliz.

Estamos em 1940. A guerra alastra de novo pela França, uma aluvião de fugitivos precipita-se para o sul. Penetram na Espanha — tantos quantos as autoridades podem permitir num país ainda convalescente duma luta atroz — precipitam-se muitos para Portugal que se lhes antolha uma outra Terra da Promissão.

Uma bela tarde, sob o alpendre da sua pitoresca habitação, o Manuel e a Anica conversavam recordando as angústias de outrora e saboreando as alegrias do presente, mas não de modo egoísta, não sem que sentissem o coração apertado pelas desgraças que iam pelo mundo fora, sobretudo em França.

Que seria feito da bondosa família Léonard a quem, abaixo de Deus deviam o bem-estar, a felicidade que hoje gozavam?...

Mas eis que a filha mais nova, uma cachopa alentada, se aproxima com um feixe de erva à cabeça e lhes grita mal os enxerga:

— Vem aí uns que ninguém os entende... mas a modos que eles alomeiam o nome da nossa aldeia... o do pai... e até o da mãe!

— São eles, não há que ver! exclama entusiasmado o ex-sargento.

Instantes depois, contudo, ao deparar-se-lhe um grupo de maltrapilhos, rostos famélicos, olhares esgaseados, hesita em reconhecê-los...

Num pronto tudo se esclarece: lá está o sr. Léonard, esquelétrico e lacrimoso, mas sempre com a sua bela cabeça e a longa barba, onde não há já um único fio negro. Está viúvo: ao primeiro ressoar das granadas a doce companheira de quasi quarenta anos morria-lhe nos braços de uma síncope cardíaca. Ali está o filho, a nora, os netos, dois criados. A sobrinha, alistada como enfermeira, só Deus sabe por onde e como andar...

Sob o velho alpendre, rescendente de cravos e mangleiros, os estrangeiros entram como naufragos em porto de salvamento. O Manuel da Azinhaga, rejubilando com a mulher, e os filhos, vai pagar generosamente a sua dívida.

M. de F.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Uma artista sem mãos

Pela quarta vez — e em quatro anos seguidos — veio em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, a pé — acompanhada de sua mãe — Margarida Ferreira dos Santos, de 36 anos, natural de S. Félix da Marinha (Praia da Granja).

Colhida por um combóio, há oito anos, foi transportada em deplorável estado para o Hospital da Misericórdia do Porto. Ali se sujeitou a três operações cujo resultado foi a extração de três costelas, amputação do braço direito pela articulação da clavícula, e amputação de cerca de metade do ante-braço esquerdo.

Ao facto extraordinário da sua cura, em 3 meses e 8 dias e contra todas as previsões científicas, acrescenta o do fabrico manual de tapetes (género «Granja»), graça que Margarida obteve de Nossa Senhora da Fátima a quem pediu que lhe concedesse meio de se ocupar em qualquer coisa e poder levar a comida à boca.

E premindo o côto do ante-braço contra o braço que segura a colher ou o garfo, e é do mesmo modo que mancha a grossa agulha com que executa o bordado. Enfia a lâ com o auxílio da boca e parte-a com os dentes ao mesmo tempo que a segura com o cotovelo contra o joelho. Com esta habilidade, fruto duma Fé inabalável e duma vontade tenaz, admitamos ainda a da execução, de cores variadas desenhos e a combinação de cores do seu trabalho. A artista mutilada era, antes do desastre, operária na fábrica de tecidos de Arcozelo, e, sem duvida, é a recordação visual dos motivos estampados nesses tecidos que lhe vai fornecendo os modelos, ou, pelos menos, auxiliando uma natural disposição para as artes plásticas.

Ao pedir a Nossa Senhora a jaculada de trabalhar, sem se deter em considerar o seu estado nem o trabalho que seria com ele compatível logo lhe prometeu a sua primeira obra e assim, na primeira peregrinação que, a pesar dos 72 anos da mãe, fizeram em cinco dias, Margarida dos Santos veio depor aos pés da Mãe de Misericórdia um tapete inteiramente executado... sem as suas mãos.

M. de F.

DOI-LHE O ESTOMAGO QUANDO ACABA DE COMER?

Quando as digestões são difíceis, se sofre de azia ou de flatulência, é um verdadeiro tormento comer. São dores, má disposição, o demónio. Mas é fácil acabar com todos estes males. Basta ter o cuidado de tomar 2 Pastilhas Rennie, depois de cada refeição, para se poder apreciar o prazer das boas comidas.

Na composição das Pastilhas Rennie entram: anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem os gases e fermentos que facilitam o trabalho digestivo.

As Pastilhas Rennie são fáceis e agradáveis de tomar. Não é precisa água. Desembrulham-se, metem-se na boca e chupam-se como qualquer caramelo. A própria saliva se encarrega de servir de veículo aos seus componentes, que atingem o estomago com todas as propriedades e força, sem a menor diluição. Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estomago em cinco minutos. Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

Calendário de N. S. da Fátima para 1941

Segundo ano de publicação. Profusamente ilustrado a heliogravura e dedicado à vidente Jacinta de quem insere o retrato e notícias interessantes. O melhor para brindes. Preço de cada exemplar esc. 1\$00. Pelo correio 1\$20. Pedidos à Casa de Nossa Senhora das Dores — Cova da Iria (Fátima).

Este número foi visado pela Censura

Um filho dos novos tempos

Pois, como ia dizendo, contava dois ou três papalvos estavam a Tia Eduarda com a mão espalmada na face, debaixo da pareira, foi um espanto na terra quando se soube que a Raguzza ia ter um filho. A notícia assombrou como se um raio caísse de um céu sereno.

— Mas então a Raguzza não era casada nesse tempo?

— Pois era, filha! Era casada e havia já doze anos. E era por isto mesmo. Ela dizia a toda a gente que não queria filhos e ensinava às outras como os haviam de mandar para as malvas.

Quando via desses ranchinhos como por aí há, graças a Deus, agarrados à barra da saia da mãe, ia logo toda espreitada a grande lambisgoia: «safa bonecra! Forte coelha!»

— Mas quem é que lhe ensinou essas manhas?

— Foi o machacaz do homem que tinha vindo da França. Foi de lá que trouxe aquelas boas prendas de saforia.

— Sim, porque da parte dela era tudo gente de bem.

— Ai credo! A mãe dela era uma santa e deu-lhe uma criação de alto lá com ela! Mas um punhado de fermento corrompe a massa toda e foi o que lhe aconteceu a ela.

O ferrabraz do Ramalho tinha dado o nome a irmandades excomungadas e veio para cá com o ferro de fazer vesti, a sua capa a todos os homens da terra, la para as tabernas à noite e parecia um prégador. Bem se esfalçou o parlapatão a gritar que Deus era um papão para beatas, que era preciso acabar com os ricos, que era preciso acabar com a filharada e outras patacoadas que faziam pôr os cabelos em pé a quem tinha dois dedos de vergonha. Depois copo daqui, copo dali, e palavra puxa palavra, era rara a noite que não houvesse desordem. A mulher era outra que tal. Andava todo o santo dia de casa em casa, pelas fontes e lavadros a dar o bando.

A certa altura, eu penso assim, Deus me perdoe, o Ramalho e a mulher viram que estavam a cair para maduros e que se acabava a má semente sem ter inçado as terra. Sim, porque só

PESARES DUM MORIBUNDO

Contava meu avô (e portanto deve ser certo) que um velhinho, de uma vida sempre modelarmente cristã, mostrara no entanto, à hora da morte, ter três pesares:

1.º O de não ter comido mais vezes, pois que todas as vezes que o fazia dava graças a Deus, cheio de amor e gratidão. E há tanta gente que, tendo recebido de Nosso Senhor sem direito nenhum especial a isso, abundância de bens, se portam para com Ele indelicada e malcradamente, não tendo para com Nosso Senhor nem sequer um muito obrigado!

2.º Outro pesar do bom velhinho, era o de não ter tido mais filhos, pois todos os que teve, educou e ensinou a amar e servir a Deus e do mesmo modo procederia com outros que tivesse.

E há tantos pais que não compreendem a honra e responsabilidade da paternidade! (participação da paternidade divina!)

3.º Outro pesar que o moribundo manifestou foi a de não ter tido a Missa mais longe porque maior sacrificio faria e por isso mais merecimento teria em a procurar.

E quanta gente há que, tendo todas as facilidades em o fazer se dispensa disso, até nos dias de grave obrigação, roubando (autênticos ladrões) a Deus os louvores e glória a que tem direito e de que não dispensa as suas criaturas, por Jesus redimidas, de Lhe prestarem.

meio convencidos. De resto ninguém lhes dava ouvidos.

Um dia o Ramalho proclamou todo inchado que ia ter um filho. «Mas este sim que havia de ser um filho dos novos tempos!»

O Ze Pardal, que traz sempre o bico cheio de graças, disse para os que estavam: «rapazes estamos no fim do mundo; vai nascer o Anti-Cristo!»

A novidade saiu dali como se fosse da boca do sino.

Passados três meses nasceu o filho dos novos tempos. Ah! filha, metia horror! Um monstro assim nunca supuz que pudesse vir do ventre de uma mulher. Deus perdoe à sua alminha que ele não tinha culpa, mas a gente tremia quando pensava nos tremendos castigos de Deus.

— Agora me lembro de ter ouvido em pequena falar disso por entre dentes a minha mãe. Mas longe de mim adivinhar o que se passava.

— O Ramalho espumava de fúria e o monstrozinho morreu poucas horas depois. Uma lástima, que nem um cantinho de chão sagrado teve, porque o pai o não deixou baptizar nem o quis enterrar, no canteiro dos anjinhos.

Passados dois anos, o máximo, a Raguzza atirava para o mundo outro filho. Desta vez são e escoreito de corpo mas mais na alma. Este é que havia de ser o filho dos novos tempos. O pai criou-o a seu modo. Eram as suas esperanças que ali estavam, o seu futuro, a sua glória.

Quem semeia ventos colhe tempestades. O «filho dos novos tempos» é um malvado que espanta os pais, uma fera que traz estes três povos vizinhos apavorados.

(Adaptado das memórias de uma mãe)

L. P.

MAL DISPOSTO depois de uma boa refeição?



Uma boa refeição deveria dispor bem. Ao contrário, sente-se pesado, mal disposto. Da mesma forma, uma noite de 8 ou 10 horas de sono, em vez de repousar, deixa-o triste, fatigado. Tem dores de cabeça, do rins.

Há qualquer coisa que não está certa a prisão de ventre, com certeza os seus intestinos funcionam com a regularidade de um relógio? Não importa. Não basta que as suas funções intestinais se exerçam com regularidade. É preciso que elimine completamente. Caso contrário, há venenos que se acumulam no sangue e produzem um mal-estar geral. Uma forma excelente de assegurar eliminações perfeitas, consiste em tomar, todos os dias, logo ao acordar, uma «pitada» de Sals Kruschen. Esta «pequena dose» contém precisamente os sais minerais que são necessários para assegurar o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são exulsores de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente.

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

NO CONTINENTE

D. Amélia de Jesus Gomes — Martra, (Gare), diz: — «Sofrendo de bronquite asmática já desanimada com os remédios que tomava, pois de nada me valiam, recorri com a maior fé que me foi possível à protecção de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, fazendo algumas novenas e promessas e tomando com muita fé a bendita água da fonte do Santuário. Hoje sinto-me completamente curada e já são passados sete anos sem que me tenha repetido tão insuportável doença, o que agradeço muito reconhecida a Nossa Senhora da Fátima, bem como mais algumas graças que pela sua grande misericórdia me tem dispensado».

Joaquim Duarte, residente na Casa Branca dos Olivais de Coimbra, sofrendo de uma doença nervosa durante mais de dois anos, pediu devotamente a Nossa Senhora da Fátima a cura. Encontrando-se presentemente restabelecido desse mal, vem agradecer do seu coração a Nossa Senhora a grande graça que lhe concedeu.

Zacarias Rodrigues Carvalho — Apúlia, tendo adoecido com uma forte febre intestinal recorreu a Nossa Senhora da Fátima fazendo uma novena, no fim da qual a febre o deixou e por isso agradece a Nossa Senhora o tê-lo atendido.

D. Ana Maria da Costa — S. Martinho da Gândara — Oliveira de Azeiteis, havia três anos que sofria do estômago, não lhe dando resultado os medicamentos. Examinada no raio X, descobriu-se um principio de úlcera cancerosa. Foi submetida a rigorosa dieta. Em 13 de Maio de 1933 foi a Fátima pedir a cura a Nossa Senhora. Em principios de Janeiro de 1934, passaram-lhe as dores de estômago e principiou a comer de tudo. Consultando o médico foi declarada completamente curada.

Decorridos dois anos vem publicar esta graça para maior glória da Santíssima Virgem.

D. Clementina Correia de Macêdo — Ovar, ameaçada de lhe terem de cortar um dedo infeccionado, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e curou-se sem ser preciso cortar-lho.

Joaquim Gonçalves dos Santos — Aver-o-Mar, Póvoa de Varzim, havia 18 anos que sofria de uma úlcera varicosa; e tendo andado de hospital para hospital, ora melhorando, ora piorando, lembrou-se de recorrer a Nossa Senhora da Fátima fazendo-lhe a novena com a sua família e usando água do Santuário no tratamento. Encontra-se curado e vem agradecer a Nossa Senhora a graça alcançada.

D. Maria de Lourdes J. Neto — Cantanhede, agradece a N.ª S.ª da Fátima diversas graças que diz ter obtido por sua intercessão maternal.

D. Maria Rosa Dias Ferreira — Aradas, Aveiro, diz: — «Numa das vistas de meu filhinho Maurício apareceu um dia uma saliência que lentamente se desenvolvia e que os médicos denominavam de quisto. Horripilada por se tornar necessária uma melindrosa operação cirúrgica, aproximando-se o dia de visitar o Santuário de N.ª S.ª da Fátima, com toda a família fui à Cova da Iria lançar-me aos pés de Nossa Senhora suplicando-lhe a sua intervenção.

De regresso, já na minha residência, reparo que o mal havia desaparecido em parte, e no dia seguinte já nada restava de tal horripilante doença. Foi com surpresa que os médicos verificaram o facto, e dou graças e louvores à SS.ª Virgem pela sua bondosa interferência».

D. Maria Lucinda Franco — Chaves, diz ter-se encontrado em grave perigo de vida, a ponto de os médicos a darem como perdida. Por intercessão de N.ª S.ª da Fátima a quem recorreu, obteve a saúde que aqui deseja agradecer reconhecidamente.

«Em reconhecimento a N.ª S.ª da Fátima pela graça de obter notícias há muito desejadas duma pessoa de família há muito ausente, venho prestar-lhe a minha homenagem de eterna gratidão».

(a) **Maria do Céu Correia Pinto — Vila Real.**

D. Maria Cândida da Silva Arão — Valença do Minho, diz: — «Sofri durante 3 anos de horríveis cólicas no fígado, tendo de permanecer no leito seis meses seguidos por não poder já sustentar-me de pé. Consultados vários médicos e especialistas, todos foram de opinião de que devia ser operada, pois só numa operação viam a possibilidade da minha cura. Em Agosto de 1932 fui transportada para o Hospital do Carmo da cidade do Porto. Ai fui operada tendo-me sido extraídos numerosos cálculos e parte da vesícula biliar.

Voltando para minha casa e decorrido apenas um mês, sou acometida de novas cólicas que me deixavam prostrada.

Novamente consultados os médicos optaram por outra operação. Em Novembro do mesmo ano fui de novo operada no mesmo Hospital e foram-me extraídos mais cálculos e umas aderências. Decorridos quatro meses voltei para minha casa esperançada na minha cura, mas em vão; as cólicas voltaram de novo e agora também nos rins.

Volto de novo ao Porto à casa de saúde do sr. dr. Alberto Gonçalves para fazer um tratamento de diatermia. Estive lá mês e meio mas voltei como tinha ido. Assim vou vivendo algum tempo no meio de um sofrimento atroz. Não podendo já suportar tão terríveis cólicas, vou mais uma vez ao Porto, agora para o Hospital de S. António, onde permaneci 45 dias em observações. Feitos alguns tratamentos voltei a minha casa, voltando comigo as mesmas cólicas. Em Julho, atormentada de uma cólica horribilíssima, pedi um quadro que tenho de N.ª S.ª da Fátima, e a Ela recorri pedindo-lhe que se apiedasse de mim, pois só Ela me poderia valer. Em tão boa hora o fiz que imediatamente fui atendida. A cólica acalmou e eu adormeci com o quadro de N.ª S.ª Senhora apertado contra o coração, acordando depois muito bem disposta.

Val quasi decorrido um ano que me não voltou a dar tão grande dor, podendo já comer e trabalhar normalmente. Já fui, como promet, aos pés de N.ª S.ª da Fátima agradecer pessoalmente tão grande graça, mas para maior honra e glória da Mãe do Céu peço também a publicação deste favor no Jornal do Santuário».

Avelino Gonçalves da Silva, e seus irmãos, de Canidelo, agradecem a graça concedida a sua Mãe de 62 anos por ter podido suportar uma operação feita a um cancro que tinha no peito. Reputam isto como um favor especial de N.ª S.ª da Fátima a quem confiaram o resultado de tão melindrosa operação que, afinal, correu admiravelmente bem, produzindo óptimos resultados a-pesar-da idade da doente.

D. Maria Emilia da Rocha — Nazaré, diz: — «Tinha meu irmão Manuel Rocha muito mal com uma tuberculose dizendo os médicos que era difícil curar-se. Recorri logo a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que curasse o meu irmão e prometendo publicar a cura na «Voz da Fátima», se tal favor lhe fosse concedido.

Como são já decorridos dois anos sem que meu irmão piorasse, encon-

trando-se até muito bem, venho cumprir o dever da publicação de tão grande favor».

D. Josefina Faria de Sousa — Covilhã, diz: — «Recebi por intermédio de Nossa Senhora da Fátima uma grande graça de ordem temporal. Tendo prometido publicá-la venho agora cumprir a minha promessa anunciando aqui a concessão de tão apreciável favor».

D. Maria de Lourdes da Silva — Alvalade, agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça que obteve por sua intercessão.

António da Silva Ferreira — Porto, pede a publicação do seguinte: — «Minha esposa foi acometida de uma hemorragia vindo depois uma infecção que a pôs em perigo de vida. Depois de estar quatro dias em casa em tratamento com a sr.ª dr.ª Maria Emilia foi por esta aconselhada a internar-se no Hospital da Ordem do Carmo. Logo depois de ser internada começou a ser cuidadosamente tratada pelo ilustre clínico dr. Angelo das Neves. O seu estado, porém, não se modificava para melhor, antes se via piorar a ponto de o médico e as irmãs enfermeiras perderem as esperanças da cura.

A enferma, reconhecendo também a gravidade do seu estado, pediu para se confessar e mandou-me chamar para me fazer certas comunicações a seu respeito e a respeito dos nossos 5 filhinhos. No entanto, um fio de esperança lhe restava ainda: era no recurso de N.ª S.ª Senhora da Fátima. A Ela se confiou fazendo-lhe algumas promessas. Aconselhada pelo confessor, fez uma novena conforme o seu estado lhe permitia e durante alguns dias bebeu da água do Santuário da Fátima.

Pouco a pouco começou a melhorar, e a 21 de Fevereiro pôde vir para casa ainda convalescente, mas hoje já se encontra boa tendo já cumprido a promessa que fizera de ir ao Santuário da Fátima. Aqui fica a publicação de tão grande favor que devo à bondade e poder de N.ª S.ª da Fátima».

D. Palmira Fisher — Figueira da Foz, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça recebida.

Adelino Lopes Seara e D. Maria de Jesus Leitão — Lago, Vila Verde, pedem a publicação do seguinte: — «Imensamente reconhecidos a Nossa Senhora da Fátima, por uma grande graça que nos concedeu, muito desejamos vê-la publicada na «Voz da Fátima, para incitamento dos seus devotos. A nossa filhinha mais nova que faz hoje 7 meses foi acometida por um ataque cerebral, aos três meses de idade. Recorreu-se ao médico, mas ele desenganou-nos logo, dizendo que nada lhe poderia fazer e que só um milagre a salvaria. Em virtude disto, recorremos a Nossa Senhora da Fátima. Fizem-se conjuntamente algumas novenas de comunhões em honra de N.ª S.ª e, ao quarto dia da novena já a criança se encontrava muito melhor encontrando-se hoje já perfeitamente curada.

Por tão grande favor aqui manifestamos os nossos sentimentos de gratidão a Nossa Senhora da Fátima que é a Saúde dos enfermos e consoladora dos aflitos».

D. Virginia Faria Teixeira — Porto, agradece uma graça particular que obteve por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

D. Balbina Duque — Mata, diz ter alcançado por intermédio de N.ª S.ª Senhora da Fátima a cura de uma doença. Vem publicar, como prometeu, e graça da sua cura.

D. Maria Madalena Pinto de Li-

PALAVRAS MANSAS

Nota biográfica

No Norte, fala-se ainda muito do cardinal D. Américo. O seu episcopado não é apenas uma página de história, que continua a ler-se com mais ou menos interesse; é também uma projecção viva, luminosa, orientadora... Os que o conheceram de perto costumam proferir o seu nome prestigioso com o respeito e a veneração que lhe tributaram sempre. Para todos eles é o senhor cardinal.

O cardinal D. Américo era naturalmente apurado e distinto, mas tinha um coração paternal, acolhedor e bondoso. No silêncio do seu gabinete, tão laborioso e fecundo, guiava sempre o seu pensamento e a sua pena um profundo amor à diocese do Porto. A aparente frieza era nêle, de par com a gravidade prelatícia, a consciência do dever e a responsabilidade do comando. A amargura doumada do guia, do chefe, do pastor...

Vigilante e disciplinador? Certamente. Queria que os seus padres servissem a Igreja, como é a servira sempre. Dera o exemplo, que é a alma da palavra, do ensino pastoral. Cristo e a cruz de Cristo...

No mesmo ano de 1852, D. Américo doutorou-se em teologia e ordenou-se de presbítero, tendo recebido de seu pai, barão de Santos, um património que excedia consideravelmente a taxa diocesana.

Doutor e padre para bem da Igreja, D. Américo julgou-se obrigado a fazer uma visita de cortezia e obediência ao Prelado da diocese, em que tinha domicílio. A diocese de origem era o Porto, que tem muita honra nisso.

D. António da Trindade de Vasconcelos Pereira de Melo, egresso crúzio, secretário do cardinal patriarca D. Guilherme, fez a apresentação com affectuosos e penhorantes palavras de amigo e contemporâneo de estudos, talvez discípulo, do Doutor Américo F. dos Santos Silva em Coimbra. O futuro Bispo do Porto nunca esqueceu que, num passo decisivo da vida, lhe dera a mão, fraternalmente, o futuro Bispo de Lamego.

Feita a apresentação, D. Américo disse respeitadamente que, como sacerdote do patriarcado, vinha pôr-se à disposição do seu Prelado, oferecer-lhe os seus serviços.

D. Guilherme Henriques de Carvalho, antigo professor de leis na Universidade de Coimbra, estava habituado a falar com uma franqueza quasi rúde aos homens do seu tempo. — Vem oferecer-me os seus serviços?! Mas eu não posso dar o um doutor em teologia, filho do barão de Santos o lugar que naturalmente pretende. O patriarcado é pobre. Os lu-

ma — Porto, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de sua Mãe.

NOS AÇORES

D. Maria Assunção G. Lino — Funchal, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça obtida.

D. Alice Conceição Figueiredo — Funchal, agradece muito reconhecida uma graça muito importante que obteve de Nossa Senhora da Fátima.

D. Virginia Gouveia Menezes — Santa Maria Maior, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça que julga ser muito importante.

P.º Manuel Alverno da Silva Bettencourt, Ouvidor Eclesiástico da Ilha Graciosa, escreve: — «Graciosa — Açores — Matilde do Nascimento Mendonça e sua filha Graciolina do Livramento, havendo suplicado a Nossa Senhora da Fátima uma graça particular com voto de publicação na «Voz da Fátima», profundamente reconhecidas, agradecem à Mãe do Céu o imerecido despacho do seu ardente pedido».

gares que se recomendavam pelas honras e pelos proventos infelizmente acabaram.

— Mas eu não penso nisso. Eu quero servir a Igreja, seja onde for, como qualquer outro sacerdote.

— Então ouça: Está vago no Seminário de Santarém uma cadeira de língua francesa. Cama, mesa e uma moeda por mês. Serve-lhe?... — Agradeço muito e desde já a V. Em.ª a minha nomeação. Irei para Santarém.

O patriarca D. Guilherme confessou depois ao seu secretário que o surpreendera e edificara esta atitude generosa e submissa do Doutor Américo, filho do barão de Santos.

Quem se humilha, exalta-se, quem serve de boa vontade serve e ensina a servir.

D. Américo ascendeu rapidamente a professor de teologia, vice-reitor do Seminário e cônego do Sé Patriarcal. em 1854 acompanhou o Cardinal Patriarca D. Guilherme a Roma, onde assistiu à definição dogmática da Conceição Imaculada, feita pelo Santo Padre Pio IX.

Referiu diante de mim este lanço de vida do cardinal D. Américo mons. Rodrigues Viana. O que eu não posso é reproduzir a vivacidade espontânea e sugestiva com que animava a conversa o inolvidável director espiritual do Seminário do Porto.

Correio Pinto

VOZ DA FÁTIMA

DESPESAS

Transporte	2.260.110\$69
Franq. emb., Transp. do n.º 217	4.747\$33
Papel, Comp. e impr. do n.º 217	24.029\$17
Da Administração ...	130\$00

Total 2.289.017\$19

Donativos desde 15\$00

Francisco Luís Louro — Alcácer do Sal, 50\$00; José Moreira Lopes — Paço de Sousa, 20\$00; P.º António José Quesado — Viana do Castelo, 15\$00; D. Emilia Camões Costa — Paços de Ferreira, 20\$00; D. Maria de Nazaré Paula — Gois, 20\$00; D. Maria Couto — Macau, 25\$00; P.º António Ferreira — Falmalhão, 82\$00; D. Carminda Azevedo — Califórnia, 24\$00; D. Maria Borba — Califórnia, 24\$00; José Ferreira — Santos, 45\$00; Por intermédio de Mons. Torres Carneiro, um anónimo, 50\$00; D. Clara Maria — Miranda do Corvo, 45\$00; D. Maria Faria — Colúmbia, 15\$; D. Luisa do Nascimento — Faial-Açores, 24\$00; D. Laura de Matos Ferreira — Tortozendo, 20\$70; António de S. Maçiel — América, 15\$00; John Souto — América, 15\$00; Jesruina Rodrigues — América, 49\$00; Manuel Gonçalves — Póvoa de Varzim, 20\$00; Farmácia Marques — Castelo de Paiva, 50\$00; Manuel Joaquim Gaspar Ribeiro — Valongo, 20\$00; D. M.ª da Conceição Godinho — Tomar, 20\$; Manuel Neves — Anadia, 30\$00; D. Lucinda Coelho Rodrigues — Lisboa, 24\$00; D. Cesarina da Piedade — Lisboa, 20\$00; D. Maria Ribeiro Soborro — Guarda, 60\$20; D. Ana do Patrocínio Neves — Lisboa, 120\$00; António Andrade — América, 24\$80; D. Lídia Conceição Ribeiro — Cadaval, 15\$00; D. Ana da Conceição Sousa, 20\$00; Por intermédio do Rev.º P.º Lino de Sousa — Viseu, 44\$90; Joaquim Pinheiro Gomes — Brasil, 15\$00; António Manuel Cortinhas — Maranhão, 15\$00; António P. da Cruz — Porto, 40\$00; Elisa Faneco — Ovar, 15\$00; António P.ª Costa — Sinfães 20\$00; Maria Isabel Russo — Cabeço de Vide, 26\$00; Maria Alice Correia — Lisboa, 20\$00.

A Canonização

do B. João de Brito

Provisão

D. JOSE ALVES CORREIA DA SILVA, POR GRAÇA DE DEUS E DA SANTA SE, BISPO DE LEIRIA.

Aos que esta Nossa Provisão vierem, Saúde, Paz e Bênção em Jesus Cristo Nosso Senhor e Salvador.

Dentre os meios que a Providência divina nos propõe para a nossa santificação e salvação ocupa um lugar principal o culto dos Santos.

Os Santos reproduzem Jesus Cristo na sua pobreza, na sua humilhação, no desprezo das glórias mundanas, na penitência...

Os Santos são a luz nas trevas deste mundo, os nossos guias mostrando-nos como se praticam os mandamentos da lei de Deus e os conselhos de Cristo;

Os Santos são a honra da Igreja e a glória da cristandade e por isso são invocados no meio das nossas aflições e dificuldades;

Os Santos são os nossos intercessores e exemplares, reflectindo o poder, a sabedoria de Deus como a lua e a terra se iluminam e aquecem com os raios do sol;

E por isso que quer antes quer depois da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, os Santos foram e são especialmente honrados na Igreja.

Muitos santos brilharam nas páginas da história portuguesa, alguns deles com culto mundial como Santo António, S. Francisco Xavier e outros.

Além destes os bem-aventurados como o Beato Nuno de Santa Maria e o Beato João de Brito que esperam o veredictum da Igreja para receberem a coroa da Santidade.

Muito se tem trabalhado ultimamente no processo do Beato João de Brito que fugindo das honras da corte alistou-se na falange da benemérita Companhia de Jesus, foi missionar no Oriente e alcançou a palma do martírio dando generosamente o seu sangue pela Fé.

A Santa Igreja é extremamente meticulosa no processo de canonização dos Santos, exigindo que haja pelo menos dois milagres.

Ora um dos milagres que faz parte do processo da Canonização do Beato João de Brito é a cura instantânea da sr.^a D. Glória Ferreira da Rocha Malheiro, de Paredes (Douro) em 13 de Maio de 1937.

Esta cura foi pedida por intercessão de Nossa Senhora da Fátima para servir para a Canonização do Beato João de Brito e operada no recinto do Santuário da Fátima a 13 de Maio de 1937, ao passar a imagem de Nossa Senhora.

Este caso foi minuciosamente examinado por Teólogos e Médicos portugueses e italianos mandados pela Santa Sé que declararam a sua autenticidade e sobrenaturalidade.

A glória de Nossa Senhora da Fátima reflecte-se na Canonização do grande Servo de Deus João de Brito.

Em vista do que determinamos o seguinte:

1.º — No dia 17 de Novembro os Revs. Párocos e Capelães tomarão como assunto das homilias a que são obrigados, a vida, virtudes e martírio do Beato João de Brito, expondo o estado do processo quasi concluido;

2.º — Que ou no fim da Missa ou à Bênção rezem publicamente com os fiéis a súplica indulgenciada pelo venerando Episcopado para pedir a canonização do glorioso Mártir português, ou, pelo menos, três Ave-Marias a Nossa Senhora da Fátima por esta intenção;

3.º — Que sendo avultadíssimas as despesas com o processo e festas da Canonização promovam de preferência nesse dia um peditório com esse fim.

O produto deste peditório deve ser mandado para a Secretaria Episcopal ou Câmara Eclesiástica até ao dia 30 de Novembro.

4.º — Esta Provisão será lida e explicada aos fiéis no domingo 10 de Novembro.

Leiria, 26 de Outubro de 1940

† José Bispo de Leiria

Moedas na boca dos mortos

Os antigos romanos, não obstante toda a sua ignorância e corrupção, acreditavam firmemente na immortalidade da alma.

Para eles, como para nós, a alma não morria com o corpo, mas continuava, depois da morte deste, a viver nas regiões misteriosas do outro mundo.

O outro mundo, segundo eles imaginavam, era um reino escondido nas entranhas da terra, cercado e regado por muitos rios que as almas tinham de atravessar na viagem para a eternidade. E para que elas pudessem passar esses rios, criou a imaginação dos romanos um barqueiro a quem chamavam Caronte. Na sua barca, porém, só podiam transitar as almas dos defuntos a quem na terra se houvessem prestado as honras fúnebres e que trouxessem dinheiro para pagar a viagem.

Esta era a razão por que os romanos, quando levavam algum cadáver a enterrar, tinham sempre o cuidado de lhe pôr algumas moedas na boca, para a alma pagar ao barqueiro. Alá, essa alma andaria penando pelas margens do primeiro rio e só ao fim de cem anos seria passada ao outro lado.

Nas penas do Purgatório, estão sofrendo muitas e muitas almas das tuas obrigações, ou pelo menos, da tua amizade. Dos teus pais ou dos teus filhos, dos teus irmãos ou dos teus parentes, dos teus amigos ou dos teus benfeitores, lá terás, certamente, um ou mais representantes a expiar as faltas que cometeram neste mundo.

Sofriam muito menos, estariam lá menos tempo, se tivessem, cá neste mundo, quem com Missas, orações, esmolas e outros sufrágios, os ajudasse a pagar as dívidas que têm para com a Justiça divina — se tivessem, eu ia a dizer, quem, como pretendiam fazer os antigos romanos, lhes pagasse a viagem para a felicidade eterna do Céu.

E tu não os ajudas, nem os socorres, porque não queres... Era-te tão fácil fazê-lo... Não podes mandar dizer Missas? Talvez; mas então inscreve ao menos esses teus entes queridos nos Cruzados de Fátima — essa associação extraordinária de vivos e defuntos que, só em seis anos, mandou dizer, pelos seus membros, mais de 40 mil missas.

Assim, dando por cada um dois tostões mensais, ganharás para os teus saudosos mortos o fruto de muitos milhares de missas.

Não deixes sofrer mais tempo as tuas queridas alminhas... Inscreve-as já nos Cruzados de Fátima...

Quando a gente se lembra do que a Fátima era há anos e vê o que é hoje sem contar os projectos de realização próxima, fica-se espantado e dá vontade de exclamar: Por ali passou a Virgem.

Maria é mãe de vida e, por onde quer que passa, semeia a vida, a paz, o verdadeiro progresso.

Por aquela que foi a zona vermelha em Espanha passou o comunismo e ali pára a morte, só há sepulcros; por aqui passou Nossa Senhora, aqui está a vida. O comunismo transforma os paraísos em desertos; Nossa Senhora do deserto faz paraíso.

Têm-se realizado na Fátima muitos milagres e não é o menor esse centro de vida que surge junto do trono da Virgem. Vida material e, sobretudo, vida espiritual porque a Fátima é como uma nascente de espiritualidade que banha Portugal inteiro e o está a fazer voltar de novo a fé.

A Fátima tem tido durante todos estes anos o Bispo providencial de que precisa.

Este grande Bispo podia ter concluido já há muito a grande igreja em construção; podia tê-la feito maior e mais sumptuosa; podia ter immortalizado o seu nome com uma grandiosa obra de arte e retirar-se

em seguida julgando que cumprira o seu dever. Mas não o fez. Considerando que o principal templo de Deus são as almas; que as Basilicas materiais de nada valem se não há bons cristãos que as encham, resolveu preparar as coisas de forma que a Fátima seja, não um lugar de admiração para viajantes, mas antes um recinto de fé, uma escola de vida cristã que irradie por todo o Portugal e de Portugal pelo mundo inteiro.

A sua grande preocupação é que aquêle venerando lugar não perca o seu todo de simplicidade e de devoção; que o visitem à procura de Deus e por honra de Nossa Senhora; que ali se santifiquem as almas e voltem os peregrinos a suas terras como outros tantos missionários de Maria.

E por isso que a Fátima não tem nem luxos nem curiosidades, nem sequer um Hotel de segunda categoria. Quem ali vai tem de se contentar com as poucas comodidades que um peregrino exige numa romagem de penitência.

Com vistas à formação cristã que é a ideia mestra da obra do Senhor Bispo, houve no ano passado um curso de formação para catequistas da Diocese, seis cursos de Moral Cristã para professores primários e catorze turnos de exercícios para várias classes de pessoas. Os exercícios costumam começar pela Semana Santa e duram até ao fim do verão.

Senhora de Portugal

por BERTHA LEITE

«Fechem-se as festas na Festa à Virgem...» disse há pouco o poeta António Correia de Oliveira ao microfone da Rádio Renascença, Emissora Católica, com o conhecido fervor religioso da sua palavra lusiada:

E continuou: «alguém (alguém que faz versos E sobe às aras do altar) A ideia me deu: e eu dou-a A quantos a queiram dar.

Vão correndo os centenários Todo o mundo Português A abrir na rosa perpétua, Da História que Deus nos fez ...

Vão correndo os Centenários E param, se bem me lembro Ao raiar a meia noite Do Primeiro de Dezembro

Ora aqui pergunto ao tempo A eternidades ajoito — O tempo! porque não chegas Ao dia do dia oito?

Sejamos, pois, os primeiros a aceitá-la, a gritá-la e, a pedir a sua realização se tanto nos for permitido.

Pedimos à Senhora da Fátima um cantinho da sua «Voz» para auxílio da nossa maior devoção. E pela «Voz» de Nossa Senhora, «Voz da Fátima», estamos certos de ser escutados por todo Portugal.

Senhora da Conceição ou do Rosário, da Boa Esperança ou da Saúde, Senhora da Fátima ou de Portugal inteiro, Senhora do dia 8 ou do dia 13 mas Senhora de todos os dias e de todas as horas risonhas e doces desta linda terra de amor, Senhora Nossa que a Pátria se Vos consagre a Vós que para sempre a consagrastes pela vossa protecção.

Por ali passou a Virgem

em seguida julgando que cumprira o seu dever. Mas não o fez. Considerando que o principal templo de Deus são as almas; que as Basilicas materiais de nada valem se não há bons cristãos que as encham, resolveu preparar as coisas de forma que a Fátima seja, não um lugar de admiração para viajantes, mas antes um recinto de fé, uma escola de vida cristã que irradie por todo o Portugal e de Portugal pelo mundo inteiro.

A sua grande preocupação é que aquêle venerando lugar não perca o seu todo de simplicidade e de devoção; que o visitem à procura de Deus e por honra de Nossa Senhora; que ali se santifiquem as almas e voltem os peregrinos a suas terras como outros tantos missionários de Maria.

E por isso que a Fátima não tem nem luxos nem curiosidades, nem sequer um Hotel de segunda categoria. Quem ali vai tem de se contentar com as poucas comodidades que um peregrino exige numa romagem de penitência.

Com vistas à formação cristã que é a ideia mestra da obra do Senhor Bispo, houve no ano passado um curso de formação para catequistas da Diocese, seis cursos de Moral Cristã para professores primários e catorze turnos de exercícios para várias classes de pessoas. Os exercícios costumam começar pela Semana Santa e duram até ao fim do verão.

A Fátima presta-se admiravelmente para esta espécie de obras espirituais.

Num planalto, longe dos grandes centros de população, pequenos rebanhos, ao cuidado de pastorinhos como no tempo das aparições; as mesmas azinheiras a cuja sombra se sentavam os videntes abrigam hoje os exercitantes a ler ou meditar durante os exercícios.

E mais do que tudo ajuda a pensar em Deus aquela espécie de ambiente místico que se respira na Fátima como se ainda se não tivessem desaparecido os celestiais aromas que por aquêles lugares deixou a Virgem quando veio ao encontro de Lúcia, Francisco e Jacinta.

O deserto da Cova da Iria transformou-se num manancial que jorra para a vida eterna. E simples a explicação: passou por ali a Virgem.

PALAVRAS DUM MÉDICO

(2.ª série)

III

Racismo

Quando se proclamou Rei de Portugal D. Afonso Henriques, o nosso território era escassamente povoado por uma mistura de raças, em que predominavam os primitivos Celtiberos, outrora comandados pelo heróico Viriato, os Romanos, a quem devemos principalmente a língua, as leis e a religião, e os Germânicos, primitivamente chamados Bárbaros do Norte.

A fusão das três raças deu origem a um povo escolhido, que obrou grandes prodígios.

Conquistada rapidamente a terra de Portugal, os nossos heróicos antepassados depressa se lançaram à descoberta e à conquista de mundos desconhecidos, criando um grande império na Índia, na África e no Brasil. Ao mesmo tempo, criaram uma das mais ricas literaturas de todos os tempos e de todas as nações.

Os portugueses eram muito poucos, mas podiam considerar-se um povo eleito, capaz das maiores proezas.

O predomínio de Portugal na Europa e no mundo inteiro durou muito pouco tempo.

Pouco depois de darmos ao Mundo o Infante D. Henrique e Albuquerque, Gil Vicente, e Camões, pouco depois de circundarmos a África, de conquistarmos a Índia e de colonizarmos o Brasil, pouco depois de D. Manuel o Grande, caímos sob a dominação estrangeira.

O valor dos autênticos Portugueses do Século XVI atrofiou-se, porque não soubemos acautelar a pureza da raça. Deixámos entrar os judeus de Espanha e não hesitámos em misturar o nosso sangue com centenas de milhares de negros que escravizámos nas costas de África.

A nossa brilhante literatura a cada passo exalta o sensualismo dos Portugueses e o próprio Camões canta extravagantes amores exóticos.

Modificou-se a estrutura da chamada raça portuguesa e temos de reconhecer que os homens que acompanharam Vasco da Gama à descoberta da Índia são muito diferentes daqueles bravos que D. Pedro IV trouxe à praia do Mindelo.

Os países fortes, que tentam estabelecer o seu domínio, tratam a sério de manter a pureza da sua raça.

Sem os acompanhar nos seus exageros, devemos todavia reconhecer que muito errámos e que precisamos de acautelar a nossa pureza étnica, evitando a mistura do nosso generoso sangue com o dos povos exóticos.

Lembre-mos do enérgico provérbio: «Quem ao longe vai casar...»

J. A. Pires de Lima

TIRAGEM DA «VOZ DA FÁTIMA»

NO MÊS DE OUTUBRO

Algarve	5.386
Angra	19.841
Aveiro	7.223
Beja	3.548
Braga	83.221
Bragança	12.060
Coimbra	13.695
Évora	5.026
Funchal	16.147
Guarda	20.102
Lamego	11.855
Leiria	14.277
Lisboa	12.042
Portalegre	11.012
Pôrto	53.031
Vila Real	24.816
Visu	9.662

Estrangeiro ... 322.944
Diversos ... 16.941

343.210